

Morreu e ressuscitou! Uma leitura foucaultiana sobre o caso do jogador de futebol Christian Eriksen

He died and rebirth: a foucauldian Reading on the football player Christian Eriksen

Leonardo Hernandes de Souza Oliveira¹ , Eduardo Pinto Machado² , Alan Camargo Silva³ 

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 12.01.2024

Revisado: 22.07.2024

Aprovado: 24.07.2024

PALAVRAS-CHAVE:

Filosofia do esporte;
Morte súbita;
Desempenho atlético.

KEYWORDS:

Philosophy of sport;
Sudden death;
Athletic performance.

PUBLICADO:

29.07.2024

RESUMO

INTRODUÇÃO: A morte súbita caracteriza-se por uma parada cardiorrespiratória repentina que leva o praticante a óbito, em geral, quando alcança níveis altos de esforço físico. Em atletas de todas as idades, inclusive no futebol, nota-se um aumento do número de casos, mesmo diante de um investimento médico-tecnológico em estratégias preventivas. Este ensaio não desconsidera as implicações biológicas da morte súbita, mas visa investigá-la pela ótica das Ciências Humanas e Sociais, mais precisamente pelas perspectivas teórico-metodológicas de Michel Foucault e Nikolas Rose. Assim, objetivou-se analisar como especificamente a morte súbita do jogador de futebol Christian Eriksen pode revelar questões sobre as diferentes racionalidades de saúde e risco presentes nas práticas corporais e esportivas.

DESENVOLVIMENTO: O encaminhamento teórico fundamentou-se nas teorizações (pós-) foucaultianas sobre controle e gestão dos corpos para pensar o viver e o morrer, principalmente nas interconexões entre espetáculo e biopolítica e no controle exercido por dispositivos artificiais e tecnológicos. Esta perspectiva teórica sobre morte súbita pela via biopolítica assume importância significativa para a Educação Física, pois entende-se que a regulação dos corpos em movimento não pode se resumir a lógica da racionalidade biomédica, incorporando outras sensibilidades discursivas sobre práticas de exercícios e saúde.

CONCLUSÃO: Em suma, captou-se como as noções de vida-morte e os mecanismos médico-tecnológicos são regulados e gerenciados em prol de um sujeito de performance que, a todo instante, se torna autocontrolado sob verdades que modulam o biológico no contexto das práticas corporais e esportivas. A potência analítica deste ensaio leva as reflexões para além da mera consideração da "finitude da vida" ao examinar como estruturas de poder, controle e discursos moldam as compreensões da morte e as múltiplas práticas de cuidado em distintos espaços sociais.

ABSTRACT

BACKGROUND: Sudden death is characterized by a sudden cardiac arrest that leads the individual to death, generally, when reaching high levels of physical effort. In athletes of all ages, including football players, an increase in the number of cases has been noted, even in the face of medical-technological investment in preventive strategies. This essay does not disregard the biological implications of sudden death, but aims to investigate it from the perspective of Human and Social Sciences, more precisely from the theoretical-methodological perspectives of Michel Foucault and Nikolas Rose. Thus, the objective was to analyze how specifically the sudden death of football player Christian Eriksen can reveal questions about the different health and risk rationalities present in body practices and sports.

DEVELOPMENT: The theoretical approach was based on (post-) Foucauldian theorizations about control and management of bodies to reflect on living and dying, mainly on the interconnections between spectacle and biopolitics and on the control carried out by artificial and technological devices. This theoretical perspective on sudden death through biopolitics assumes significant importance for Physical Education, as it is understood that the regulation of bodies in movement cannot be limited to the logic of biomedical rationality, incorporating other discursive sensibilities about exercise practices and health.

CONCLUSION: In conclusion, it was captured how the notions of life-death and medical-technological mechanisms are regulated and managed in favor of a high-performance athlete who, at all times, becomes self-controlled under truths that modulate the biological in the context of body practices and sports. The analytical power of this essay takes reflections beyond the mere consideration of the "finitude of life" by examining how structures of power, control and discourses shape understandings of death and multiple care practices in different social spaces.

▼ INTRODUÇÃO

A morte súbita pode ser caracterizada por uma parada cardiorrespiratória repentina que leva o praticante/atleta aparentemente saudável a óbito, na maioria das vezes, quando alcança altos níveis de esforço físico (Han et al., 2023). Ainda que as causas de falecimento repentino sejam múltiplas e de difícil detecção (Aune et al., 2020), sabe-se que, no contexto das práticas corporais e esportivas, a incidência de cardiomiopatia hipertrófica e outros fatores ditos de “risco” tornam-se fundamentais para esse tipo de evento considerado raro (Tsang; Link, 2021; Rage et al., 2023).

Assim, embora haja um investimento na clínica médica e aparatos tecnológicos no sentido de elaborar estratégias de prevenção de morte súbita, em especial, em atletas de todas as idades (Kochi et al., 2021; Sarto et al., 2023), nota-se o aumento no número de casos desse fenômeno, sobretudo no futebol (Silva, 2022). Se por um lado a prática potencializa benefícios físico-orgânicos ao sujeito, por outro, pode aumentar o risco de morte súbita (Schmied; Borjesson, 2014) que, no ponto de vista de Ghorayeb et al. (2019), atrela-se à negligência sobre os limites humanos.

Nesse contexto, destaca-se que o presente trabalho não considera a morte súbita somente pelos suas implicações biológicas, mas também e, sobretudo, pode-se entendê-la a partir de alguns referenciais das Ciências Humanas e Sociais. Destarte, este ensaio se ancora nas perspectivas teórico-metodológicas de Michel Foucault (1999, 2014a, 2014b e 2022) e Nikolas Rose (1998; 2013) com o intuito de compreender o caso de (quase) morte súbita do jogador Christian Eriksen no Campeonato Europeu de Futebol em 2021.

Resumidamente, Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo que se dedicou a pensar os diferentes modos de subjetivação do ser humano. Como o ser humano se tornou sujeito a partir de três etapas que se aproximam e distanciam (Deleuze, 2017). Iniciou-se na arqueologia, postura analítica essa marcada pelos estratos de saber e práticas discursivas que legitimam a ciência-verdade. Incorporou na genealogia uma história descontínua da relação entre discurso e poder na produção do sujeito moderno. Posteriormente, dedicou-se aos estudos sobre as práticas de si, como imperativo ético da relação do sujeito com ele mesmo e com os outros.

Já o sociológico britânico Nikolas Rose (1947-) é considerado um dos principais teóricos pós-foucaultianos da contemporaneidade ao problematizar as ciências da vida e seus atravessamentos com as dimensões sociais e subjetivas (Carlotto, 2014; Carvalho, 2015). Debruçou-se sobre as obras do filósofo francês no que diz respeito especialmente aos estudos referentes à governamentalidade no presente: as chamadas políticas da própria vida. Aprofundou-se nas noções de expertise, subjetividade e poder político, mais precisamente no contexto das biotecnologias vislumbrando verdades para a legitimação de uma vida dita saudável.

Destarte, para a análise do caso supramencionado, a fundamentação teórico-conceitual eleita aqui se baseia nas teorizações (pós-)foucaultianas. Essa perspectiva teórica sobre a morte súbita assume uma importância significativa em várias direções. Assim, para a área de Educação Física,

entende-se que a regulação de corpos em movimento não pode se resumir a lógica da racionalidade biomédica, o que permite que os(as) profissionais da área se sensibilizem com as questões discursivas que atravessam as práticas de exercícios para uma vida dita saudável, como pode ser visto em Mezzaroba e Zoboli (2018) e Amaral, Neves e Baptista (2022). Para o contexto esportivo, coloca em xeque como as instituições são corresponsáveis sobre o cuidado de si, no caso aqui, daquelas pessoas que se engajam de determinadas maneiras durante o esforço físico. Já para as diferentes áreas de saber desde o campo da Saúde até as distintas disciplinas que compõem as Ciências Humanas e Sociais, argumenta-se que estudar a morte súbita em sua totalidade exige dos(as) pesquisadores(as) uma perspectiva interdisciplinar que ultrapassam a mera finitude da vida.

Logo, o presente ensaio objetiva analisar como especificamente a morte súbita do jogador de futebol Christian Eriksen pode revelar questões sobre as diferentes racionalidades de saúde e risco presentes nas práticas corporais e esportivas. Para isso, este texto foi elaborado da seguinte maneira: em primeiro lugar, foram apresentadas as descrições sobre o jogador e o caso de morte súbita e, em seguida, com base no referencial (pós-)foucaultiano em tela, foram delimitados os debates acerca da vida-morte e tecnologias biomédicas.

Treinou, jogou, faleceu e ressuscitou!

Christian Dannemann Eriksen nasceu na Dinamarca em 1992. Atualmente joga como meio-campista no time inglês Manchester United Football Club. Christian Eriksen passou por clubes de futebol renomados da Europa como *Amsterdamsche Football Club Ajax*, *Tottenham Hotspur Football Club*, *Football Club Internazionale Milano* e *Brentford Football Club*. O jogador em tela já teve participação na seleção nacional da Dinamarca.

No dia 12 de junho de 2021, durante o jogo da Dinamarca versus Finlândia no Campeonato Europeu de Futebol, Christian Eriksen com 29 anos teve morte súbita e, imediatamente, recebeu a reanimação cardiopulmonar com os procedimentos médico-tecnológicos ainda no campo. Após alguns minutos de massagem cardíaca e reanimação com auxílio de um desfibrilador externo automático (DEA), o mesmo “voltou à vida” e a partida foi retomada até o final, com a derrota da Dinamarca. Depois de alguns dias, foi implantado um cardioversor desfibrilador implantável (CDI), em Christian Eriksen que permite, automaticamente, detectar arritmias e corrigir os batimentos cardíacos em poucos segundos (Deng; Wu; Liu, 2015).

Destaca-se que pelo fato do ambiente esportivo proporcionar momentos de prazer para os(as) (tel)espectadores, a cena da queda do jogador dinamarquês Christian Eriksen desacordado no campo impactou quem estava assistindo. Foram momentos de alternância entre consciência e inconsciência que levaram a participação da equipe médica com o DEA. A reanimação do atleta somente foi possível pelo pronto atendimento que durou aproximadamente 10 minutos.

Christian Eriksen recebeu alta hospitalar após uma semana de internação e ficou distante das lentes midiáticas. Retomou as suas atividades profissionais e futebolísticas

após cinco meses do que denominaram de “síncope”. Entre consensos e dissensos entre diferentes ligas, clubes e profissionais de diferentes áreas que atravessam o universo do futebol, o mesmo pôde continuar a carreira esportiva com acompanhamento médico periódico e com cuidados na região onde foi implantado o CDI. Após aproximadamente dois anos da morte súbita, o atleta jogou a Copa do Mundo FIFA no Qatar em 2022.



Figura 1. Jogadores da Dinamarca preservam a privacidade de Christian Eriksen.

Fonte: <https://ge.globo.com/futebol/eurocopa/noticia/cena-forte-eriksen-da-dinamarca-cai-desacordado-e-recebe-mensagem-cardiaca-em-campo.ghtml>

Entre a vida e a morte: interconexões entre espetáculo e biopolítica

Considera-se que a morte súbita do jogador de futebol Christian Eriksen se estabeleceu entremeadada à espetacularização do esporte (mas também da própria “síncope”) e uma espécie de controle moral do corpo. Nesse sentido, assume-se aqui a segunda etapa do pensamento foucaultiano, “genealogia do poder”, que se preocupou em desvelar as relações estabelecidas entre discurso e poder na produção dos sujeitos modernos, no sentido de uma micropolítica ou microfísica. A partir de Foucault (2014a), o discurso perpassa todo corpo social para funcionar como um objeto de coerção e validação de um determinado poder, fundamentando inclusive uma relação recíproca entre poder exercido e saber produzido.

O poder é interpretado como prática ou algo que se exerce nas relações entre os sujeitos, auxiliado pelos discursos, não necessariamente traduzindo-se por dominação. Tratam-se por relações de poder que atravessam o tecido social e constituem os sujeitos. Inaugura-se uma analítica do poder com fins produtivos na consolidação e intensificação de saberes diversos, ao passo que os saberes produzidos são peças estratégicas para novas relações de poder (Foucault, 2014b).

O entendimento sobre as relações de poder, seus efeitos e ligações estreitas com o saber, evidenciam-se por dois conceitos centrais da filosofia foucaultiana: poder disciplinar e biopoder. Segundo Foucault (1999), a modernidade surge como um novo mundo a partir das revoluções burguesas, Estado democrático de direito, reforma protestante, humanismo e renascimento, e uma nova preocupação central na lógica da ordem social: trata-se do corpo

produtivo. Uma filosofia do corpo em detrimento de uma filosofia da alma.

Em meados dos séculos XVII-XVIII, o poder disciplinar surgiu como tecnologia centrada na docilização política e aumento das forças produtivas e econômicas dos corpos individuais. O corpo torna-se alvo prioritário de técnicas, procedimentos, discursos e práticas, que asseguram sua distribuição pelos espaços institucionais, como escolas, presídios, hospitais e manicômios. De uma forma geral, as disciplinas são a racionalização e a economia restrita de um poder que se exerce por um sistema amplo de vigilância e controle das condutas, comportamentos e subjetividades humanas (Foucault, 1999).

A produção da subjetividade é um dos efeitos e objetivos das tecnologias de poder, pois precisam inculcar interesses e necessidades sociais de uma dada época nos sujeitos. O capitalismo industrial e fabril dos séculos XVII-XVIII necessitava de disciplinas gerando efeitos individualizantes com foco nas forças úteis, de acordo com uma sociedade produtiva que exigia corpo forte, treinado e saudável para aguentar as árduas horas de trabalho, e aderidas, pois a submissão/obediência potencializa a economia política do corpo (Foucault, 2014a; 2014b).

Em termos de uma economia política do corpo que visa controle das forças produtivas e ciência do funcionamento corporal, o biopoder surge por volta do século XIX como organização do poder sobre a vida, na qual a população situa-se como problema de ordem econômica e política. Além de um controle e aperfeiçoamento da disciplinarização do corpo individual, trata-se também de uma biopolítica da espécie humana que compreende a importância de controlar e regular os processos e taxas de natalidade, longevidade, mortalidade, pois podem proporcionar subtração das forças produtivas, custos econômicos e diminuição do tempo de trabalho (Foucault, 1999; 2014c; 2022).

A biopolítica é o nascimento de uma nova razão governamental, uma governabilidade liberal para lidar com urbanização e higiene das cidades que se tornaram problema biológico, modificações nos sistemas hospitalares, controle de epidemias e política sobre o homem enquanto ser vivo para impedir que a morbidade afete a produção econômica capitalista. Trata-se do poder que faz viver, mesmo que isso signifique exercer simultaneamente um poder que deixa morrer sobre aquilo ou àqueles que se apresentam como perigo biológico (Foucault, 1999; 2022).

Apesar do caso Christian Eriksen não se inserir nos primeiros objetos de estudo estatais da biopolítica da espécie humana, tais como as grandes epidemias, controle rigoroso e estatístico das taxas de longevidade/morbidade e intervenção sobre as massas e cidades no processo de urbanização, entende-se que pode haver uma racionalidade biopolítica atrelada à morte súbita no sentido de potencializar, afirmar e produzir vida diante de uma incapacidade biológica decorrente de um eventual evento cardiovascular durante uma partida de futebol profissional.

As teias das relações de poder biopolíticas entram em cena para produzir/gerenciar a vida, “o faz viver”, do principal atleta da seleção dinamarquesa na ocasião durante a maior competição europeia entre países do chamado “velho continente”. A racionalidade biopolítica pode envolver as ações médicas e de primeiros socorros de urgência ainda no momento que atleta cai desacordado em campo,

a ida do atleta ao hospital para passar pelo “olhar” médico avaliativo e terapêutico, o implante do CDI para garantir o retorno do atleta aos gramados e as consultas constantes aos exames médicos de rotina para garantir certa segurança/cuidados ao retorno/continuidade à vida de atleta profissional.

A reanimação em tela é um exemplo do biopoder: poder disciplinar e biopolítico em ação de forma conjunta. A equipe médica atua por meio de dispositivos médico-tecnológicos, como o desfibrilador, para restaurar a funcionalidade produtiva do corpo do atleta diante do risco iminente de morte. A vida do jogador torna-se objeto biopolítico de intervenção, controle e gestão por parte das instituições médicas e esportivas, incorporando tecnologias de controle em sua própria existência e subjetividade.

O exercício biopolítico envolve um conjunto de técnicas, discursos, poderes, instituições e agentes sociais, no qual Foucault (2017) nomeou de dispositivo. O dispositivo biopolítico não deve ser pensado de forma separada, mas como uma gama de relações de força que procura destacar o corpo como objeto produtivo e de desejo. O desejo de retornar aos gramados oficialmente, de ter uma vida social e sustentar economicamente familiares, faz parte das ações biopolíticas de médicos e profissionais de saúde envolvidos na reanimação e da construção da subjetividade do atleta em questão.

De acordo com Langdrige (2017), a subjetividade do indivíduo que sofre um ataque cardíaco pode torna-se alvo biopolítico em um processo de “disciplinamento biologicizante” constante a partir da incorporação da responsabilidade de torna-se um sujeito “em risco”, da relação com tecnologias biomédicas no dia a dia e da transformação de um corpo recém-infartado em um “novo normal” por vias biológicas e farmacêuticas, estabelecendo assim uma nova forma de cidadania em saúde. Emerge, nesse caso, um “novo Christian Eriksen” que se constitui em um típico “exemplo vivo” de um atleta hipermonitorado/controlado biologicamente ante a essa racionalidade biomédica no contexto futebolístico. Como pano de fundo, abre-se mais uma possibilidade do complexo médico-industrial-farmacêutico-tecnológico no campo esportivo a fim de legitimar lucros de todas as ordens para além do fator financeiro.

Montenegro (2022) afirma que as práticas biomédicas ganham relevância e legitimidade nas discussões que envolvem o morrer, pois participam da organização sócio-política da sociedade e produzem novos discursos e práticas de verdade nos quais a morte passa a ser compreendida em termos médicos e psicológicos. A morte é um fenômeno humano e político no qual relações de poder disciplinares e biopolíticas participam de sua construção em termos de produção de subjetividades.

É importante mencionar que o exercício biopolítico não se traduz a uma simples intervenção médica a fim de impedir ou alterar o que seria sido natural. No caso do Eriksen, especula-se que o exercício biopolítico se exerceu como um dispositivo na organização de saberes e poderes biomédicos, desde o momento da intervenção dos médicos em campo até as consultas pós implementação do CDI, ainda mais em um contexto que o ressuscitar foi midiático e explanado para o mundo inteiro por televisões, telões e internet. A legitimidade de um poder afirmativo e produtivo depende de uma rede de desejos que perpassa

ações de médicos, agente biomédicos e o atleta de futebol. Não há exercício biopolítico que atue apenas pelo viés soberano, repressivo e negativo, pelo contrário, pois é a positividade deste poder que gera eficácia.

No sentido foucaultiano, prática é discurso e discurso é prática, pois ao mesmo tempo em que os discursos biomédicos produzem verdades em termos de cuidados sobre o corpo de um atleta profissional recém-desmaiado, tais práticas de cuidado validam as verdades discursivas produzidas. A ágil prática médica e de socorristas em campo, a eficaz atuação hospitalar e a posterior eficiência na inserção do CDI, retroalimentam a legitimidade do discurso biomédico sobre o atleta estar vivo, socializando com familiares e amigos e praticando futebol profissional que tanto deseja, estabelecendo um regime de verdade acerca do tema (Foucault, 2014a; Foucault, 2017).

As divergências entre ligas, clubes e profissionais de diferentes áreas também ilustram o papel dos regimes de verdade na construção da realidade. A discussão sobre quando e como Christian Eriksen poderia retomar sua carreira revela a complexidade das negociações entre diversos discursos que moldam as práticas e as políticas em torno da saúde e do desempenho no esporte.

É importante pontuar que o campo de construção biopolítica dos corpos, anteriormente inaugurado e monopolizado pelos grandes Estados-nação na forma de “estatização do biológico”, entra em crise e torna-se espaço de intervenção do mercado (grandes empresas, companhias e corporações privadas), principalmente no século XXI. As funções vitais da espécie humana são capturadas pelos tentáculos da biopolítica que invadem todos os espaços e todos os tempos da vida humana, não se restringindo às instituições modernas específicas (Sibilia, 2015).

O caso Christian Eriksen, do momento do mal súbito à reanimação pela equipe médica da seleção dinamarquesa, entre a quase morte e a vida, retrata exatamente a expansão das intervenções biopolíticas para campo do mercado futebolístico (Eurocopa) a fim de compensar, corrigir ou alterar eventos biológicos tratados como erros de programação, dominando o imprevisível e ultrapassando os limites do orgânico (Sibilia, 2015). Inclusive, a inserção do CDI, que permitiu o atleta dar continuidade à carreira e jogar a Copa do Mundo FIFA de 2022, fixa-se na gestão biopolítica dos riscos e probabilidades de adoecimento e morte do atleta.

A partir de Sibilia (2015), é possível compreender o espetáculo como um dos efeitos da inserção da biopolítica da espécie humana nas intervenções das grandes empresas e corporações. Inclusive, a postura dos atletas em campo, na tentativa de proteger o corpo desmaiado de Christian Eriksen das câmeras de filmagem, já previa tais tentativas midiáticas sobre a espetacularização do ocorrido. A biopolítica, em termos de limites entre a vida e a morte, produz mercadorias disponíveis ao lucro das grandes empresas envolvidas com o funcionamento/propaganda/divulgação da Eurocopa, durante e após o ocorrido com o atleta.

Destarte, a cena da queda de Christian Eriksen, capturada pelas lentes midiáticas, destaca a estreita interconexão entre espetáculo e biopolítica. Os espectadores testemunham a alternância entre consciência e inconsciência do jogador, um momento que traz à tona as fronteiras tênues entre viver e morrer, desafiando a compreensão tradicio-

nal desses conceitos. De acordo com Mattos *et al.* (2019), a produção discursiva midiática participa da construção de um imaginário social e coletivo sobre o esporte, estabelecendo relações de saberes e poderes sobre atletas de diferentes gêneros nos mais altos níveis de desempenho e performances corporais.

Em síntese, o caso de Christian Eriksen oferece uma reflexão aprofundada sobre as fronteiras móveis entre vida e morte na contemporaneidade, destacando como a tecnologia e as normas sociais se entrelaçam na gestão da vida individual e coletiva em uma sociedade cada vez mais biologizada pelas teias das relações de poder. Em especial, trata-se de dispositivos artificiais atuantes como práticas e discursos biopolíticos no controle estreito entre o viver e o morrer de um atleta profissional de futebol (Rose, 1998; 2013), como poderá ser visto detidamente a seguir.

Dispositivos artificiais e o controle sobre o viver e o morrer

A análise dos dispositivos artificiais e o caso do jogador Christian Eriksen também oferecem uma profunda reflexão sobre as complexas interações entre poder, subjetividade e biopolítica na contemporaneidade. A teorização de Rose (1998; 2013) adensa essa perspectiva analítica, destacando a ênfase contemporânea na busca por uma vida saudável e as tecnologias que sustentam esse ideal de viver. Rose (1998; 2013) argumenta que as tecnologias biomédicas se tornaram ferramentas essenciais na construção das normas de saúde e subjetividade, refletindo o poder político que define o que é considerado “vida digna” na sociedade atual.

Em termos gerais, Rose (1998; 2013) traz uma contribuição significativa para a compreensão da biopolítica contemporânea, especialmente no que se refere às dinâmicas do morrer, a morte e o controle sobre o viver e o morrer. Os seus trabalhos destacam como as tecnologias biomédicas, as políticas de saúde e as transformações sociais contemporâneas estão reconfigurando profundamente nossa relação com a vida, a morte e o domínio sobre esses processos.

Nesse sentido, a linha roseana sugere que o sujeito vive atualmente em uma era marcada pela medicalização crescente da existência humana, na qual a biomedicina exerce um papel central no governo das populações. Essa medicalização não se limita à cura de doenças, mas também engloba a regulação da saúde e da morte. O controle sobre o viver e o morrer se tornou uma questão de gestão e governança biopolítica.

A busca pela prolongação da vida e a atenuação do sofrimento no final da vida têm levado ao desenvolvimento de tecnologias biomédicas avançadas, como a medicina paliativa, que buscam proporcionar uma “boa morte”, por exemplo. No entanto, essa busca por uma morte digna também levanta questões sobre o domínio excessivo da biomedicina. A morte se tornou um evento medicalizado, muitas vezes adiado ou prolongado em nome da vida. Exemplarmente, Rohden (2017) lembra que o aprimoramento biomédico não atua somente pelo processo de “normalização”, mas também no sentido de restauração ou melhorias de desempenhos visando dada competitividade.

Nessa direção, Rose (1998; 2013) enfatiza como as tecnologias da informação e vigilância desempenham um papel crucial na gestão da vida e da morte. Os dados de saúde cada vez mais amplamente coletados e analisados permitem a monitorização constante do estado de saúde das pessoas. Isso gera questões éticas e políticas relacionadas à privacidade e ao consentimento.

Em resumo, Rose (1998; 2013) permite uma análise da biopolítica contemporânea, destacando como as questões do morrer, a morte e o controle sobre o viver e o morrer estão profundamente interligadas com as práticas biomédicas, as tecnologias da informação e as políticas de saúde. Os seus apontamentos teóricos convidam a refletir nos limites do domínio da biomedicina no que diz respeito à existência humana e os desafios ético-sociais que surgem desse contexto.

Assim, o caso de Christian Eriksen, que enfrentou a fronteira entre a vida e a morte durante um jogo de futebol, ilustra vividamente como os dispositivos artificiais estão intrinsecamente relacionados à gestão da vida e da morte. A implantação do CDI em Christian Eriksen é ainda mais emblemática desse fenômeno. A rápida aplicação do desfibrilador e o subsequente implante de tal tecnologia são exemplos notáveis de como esse tipo de dispositivo se tornou uma parte essencial da governamentalidade da vida, tanto no esporte como na sociedade em geral. Tal fenômeno se coaduna justamente com a problematização de Clarke *et al.* (2003) sobre como as inovações da biomedicina tecnocientífica transformam novas formas de medicalizar os seres humanos.

Sob essa ótica (pós-)foucaultiana, a relação entre poder e controle do corpo se torna visível quando os dispositivos artificiais são acionados para reanimar o jogador. Essa intervenção não é apenas um ato de salvar uma vida, mas também de disciplinar o corpo do jogador, tornando-o funcional novamente. Os dispositivos artificiais se tornam instrumentos de poder que redefinem a relação entre corpo humano e tecnologia.

A partir da perspectiva de Rose (1998; 2013), pode-se considerar que a decisão do jogador em aceitar a implantação do CDI não se trata meramente de uma escolha baseada em critérios médicos, mas pode consistir em uma mediação entre os aspectos produtivos, sociais e culturais de uma economia biopolítica do corpo, e subjetivos que fazem parte da identidade de um atleta de elite, como o desejo de retornar aos gramados. O desejo faz parte das relações de força envolvidas acerca da implantação do CDI, pois evidencia a característica de um poder produtivo e afirmativo, que se distancia cada vez mais dos aspectos repressivos e impositivos. Em outras palavras, inevitavelmente, o caso de Christian Eriksen cria uma nova identidade esportiva centrada no investimento de novos artefatos biomédicos, aspecto esse discutido por Rohden (2017) quando analisa os processos de subjetivação entre as ideias de uma vida saudável e vida aprimorada.

A cena da reanimação de Christian Eriksen também destaca como a sociedade contemporânea lida com as fronteiras entre viver e morrer. A imediata intervenção médica e o retorno do jogador ao campo após sua morte súbita desafiam as noções convencionais de vida e morte. Inclusive, as complexas dinâmicas entre relações de poder, controle social e conhecimento da teoria foucaultiana

permitem compreender momentos em que as fronteiras tradicionais entre diferentes categorias, identidades ou estados se tornam ambíguas e confusas, como a vida e a morte.

Foucault (2014c) argumenta que o poder não é uma entidade estática, mas, sobretudo, uma força em constante movimento e transformação. Assim, as fronteiras entre quem o detém e quem está sujeito a ele podem se tornar difíceis de discernir, pois o poder pode se manifestar de maneiras sutis e descentralizadas, desafiando as categorias convencionais. Sob essa perspectiva, o conhecimento desempenha um papel crucial, pois pode ser usado para criar confusão e incerteza, permitindo o exercício do poder de maneira mais eficaz. O conhecimento não é neutro, mas é moldado por estruturas de poder e, por sua vez, molda o poder.

A aplicação da reanimação cardiopulmonar e, posteriormente, da implantação do CDI permitiram que o jogador retornasse à vida após uma situação que, em tempos anteriores, poderia ter sido considerada irreversível. Destarte, esse caso de (quase) morte súbita faz emergir os limites tradicionais entre estados, isto é, vida e morte tornam-se difíceis de distinção. Por consequência, legitima a autoridade/influência do discurso biomédico já tão hegemônico na vida das pessoas (Conrad, 2007).

Dessa forma, o CDI em Christian Eriksen que permite uma monitorização constante de seu ritmo cardíaco e intervenções imediatas em caso de arritmias cria uma nova dimensão na qual a vida é mantida e controlada de maneira que desafia nossas concepções convencionais de mortalidade. A tecnologia biomédica não apenas salvou sua vida, mas também transformou a natureza de sua existência, em que a “zona de indistinção” entre saúde e doença se torna mais evidente.

Em suma, o manejo dos dispositivos artificiais de Christian Eriksen destaca, portanto, como a tecnologia e o poder se entrelaçam na contemporaneidade, moldando não apenas a gestão da vida, mas também a identidade individual e as noções tradicionais de vida e morte. Isso leva a refletir profundamente sobre como as tecnologias biomédicas influenciam a compreensão da vida e da morte que escapam do contexto esportivo/futebolístico e se estabelecem notoriamente em um processo de subjetivação no cotidiano da sociedade na contemporaneidade, o que também leva a pensar em possibilidades de desmedicalização, como defendido por Conrad (2007).

▼ CONCLUSÃO

Este ensaio teve como objetivo compreender algumas questões sobre saúde e risco que atravessam as práticas corporais e esportivas a partir do caso de morte súbita do jogador de futebol Christian Eriksen. À luz das teorizações de Michel Foucault e Nikolas Rose, captou-se como as noções de vida-morte e os mecanismos biomédico-tecnológicos são regulados e gerenciados em prol de um sujeito de performance que, a todo instante, se torna autocontrolado sob verdades que modulam o biológico.

Nesse sentido, pode-se ampliar o debate sobre como os sujeitos na contemporaneidade se engajam nas práticas corporais e esportivas. Em termos gerais, nas diversas

áreas do conhecimento, desde o campo da Saúde até as distintas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, argumenta-se que a análise da morte súbita em sua totalidade requer uma perspectiva interdisciplinar. Nesse caso, percebe-se que o presente texto leva as reflexões para além da mera consideração da finitude da vida ao examinar como estruturas de poder, controle e discursos sociais moldam as compreensões da morte e das práticas de cuidado.

Portanto, ao abordar a morte súbita sob a lente (pós-) foucaultiana, o estudo pode repercutir na promoção da saúde, desafiando as normas convencionais de corpo e oferecendo uma visão mais densa das dimensões sociais, culturais e discursivas que influenciam nossa percepção de uma vida saudável. Ademais, destaca a necessidade de colaboração interdisciplinar, enriquecendo o campo acadêmico e potencialmente aprimorando as estratégias de prevenção e intervenção. Em resumo, o estudo da morte súbita a partir da perspectiva do trabalho em tela se revela como uma empreitada que transcende as fronteiras acadêmicas e abre caminhos para uma compreensão mais profunda e abrangente de questões vitais relacionadas à saúde, esporte e sociedade em geral.

► AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

► CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

► FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

■ REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. C.; NEVES, R. L.; BAPTISTA, T. J. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas e aproximações com o corpo, saúde e Educação Física. *Praxia*, v. 4, e2022005, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31668/praxia.v4i0.12592>
- AUNE, D.; SCHLESINGER, S.; HAMER, M.; NORAT, T.; RIBOLI, E. (2020). Physical activity and the risk of sudden cardiac death: a systematic review and meta-analysis of prospective studies. *BMC Cardiovascular Disorders*, v. 20, n. 1, 318, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12872-020-01531-z>
- CARLOTTO, M. C. Nikolas Rose, A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. *Tempo Social*, v. 26, n. 2, p. 242-8, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000200015>
- CARVALHO, S. R. Governamentalidade, ‘Sociedade Liberal Avançada’ e Saúde: diálogos com Nikolas Rose (Parte 1). *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 54, p. 647-58, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0216>
- CLARKE, A.; SHIM, J. K.; MAMO, L.; FOSKET, J. R.; FISHMAN, J. R. Biomedicalization: technoscientific transformation of health, illness and U.S. biomedicine. *American Sociological Review*, v. 68, n. 2 p. 161-94, 2003. DOI: <https://doi.org/10.2307/1519765>
- CONRAD, P. *The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DENG, J. L.; WU, Y. X.; LIU, J. Efficacy of implantable cardioverter defibrillator or cardiac resynchronization therapy compared with combined therapy in survival of patients with heart failure: a meta-analysis. *Medicine*, v. 94, n. 5, e418, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1097/MD.0000000000000418>
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2014a.

- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975/1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I*: vontade de saber. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.
- FOUCAULT, M. *História de la medicalización*. *Educación Médica y Salud*, v. 11, n. 1, p. 3-25, 1977. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/3182/Educacion%20medica%20y%20salud%20%2811%29%2C%201.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 09/01/2024.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*: organização e tradução de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014b.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*: curso no Collège de France (1978/1979). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014c.
- GHORAYEB, N.; COLOMBO, C. S. S. S.; FRANCISCO, R. C.; GARCIA, T. G. Sudden cardiac death in sports: not a fatality! *International Journal of Cardiovascular Sciences*, v. 32, n. 1, p. 84-6, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/2359-4802.20180087>
- HAN, J.; LALARIO, A.; MERRO, E.; SINAGRA, G.; SHARMA, S.; PAPADAKIS, M.; FINOCCHIARO, G. Sudden cardiac death in athletes: facts and fallacies. *Journal of Cardiovascular Development and Disease*, v. 10, n. 2, 68, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/jcdd10020068>
- KOCHI, A. N.; VETTOR, G.; DESSANAI, M. A.; PIZZAMIGLIO, F.; TONDO, C. Sudden cardiac death in athletes: from the basics to the practical work-up. *Medicina*, v. 57, n. 2, 168, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/medicina57020168>
- LANGDRIDGE, D. Recovery from heart attack, biomedicalization, and the production of a contingent health citizenship. *Qualitative Health Research*, v. 27, n. 9, p. 1391-401, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1049732316668818>
- MATTOS, R. S.; CASTRO, J. B. P.; SABINO, C.; ESPÍRITO SANTO, W. R.; FLORENTINO, J. O.; MENEZES, L. S.; OLIVEIRA, L. H. S.; NASCIMENTO, S. S. O mito contemporâneo da heroína esportiva: da guerra ao pódio. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 17, n. 1, p. 317-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p317>
- MEZZAROBBA, C.; ZOBOLI, F. Revisitando o conceito de biopolítica em Foucault para pensar o corpo na Educação Física. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 11, n. 24, p. 279-96, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i24.6679>
- MONTENEGRO, K. Foucault, subjetividade & morte: uma perspectiva pós-estruturalista dos cuidados paliativos. Porto Alegre: Fi, 2022.
- RAGE, M.; MOHAMED, M. NOR, M.; ABDI, N.; AKPLOR, J. J.; YARRARAPU, S. N. S.; ...; ISKANDER, B. Cardiomyopathy and sudden cardiac death among the athletes in developing countries: incidence and their prevention strategies. *Cureus*, v. 15, n. 2, e35612, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7759/cureus.35612>
- ROHDEN, F. Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. *Horizontes Antropológicos*, v. 23, n. 47, p. 29-60, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100002>
- ROSE, N. *A política da própria vida*: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.
- ROSE, N. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, T. T. (Org.). *Liberdades reguladas*: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45.
- SARTO, P.; ZORZI, A.; MERLO, L.; VESSELLA, T.; PEGORARO, C.; GIORGIANO, F.; ...; CORRADO, D. Value of screening for the risk of sudden cardiac death in young competitive athletes. *European Heart Journal*, v. 44, n. 12, p. 1084-92, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1093/eurheartj/ehad017>
- SCHMIED, C.; BORJESSON, M. Sudden cardiac death in athletes. *Journal of Internal Medicine*, v. 275, n. 2, p. 93-103, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/joim.12184>
- SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico*: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- SILVA, A. C. Morte súbita no esporte de alto rendimento: mídia nacional sob suspeita. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 26, n. 285, p. 186-97, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i285.2841>
- TSANG, D. C.; LINK, M. S. Sudden cardiac death in athletes. *Texas Heart Institute Journal*, v. 28, n. 4, e207513, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14503/THIJ-20-7513>

✉ E-MAIL DOS AUTORES

Leonardo Hernandez de Souza Oliveira (Autor Correspondente)

✉ lhernandes.uerj@gmail.com

Eduardo Pinto Machado

✉ eduardo.machado@ufrgs.br

Alan Camargo Silva

✉ alancamargo10@gmail.com